

AVALIAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS, AQUISIÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS E ALFABETIZAÇÃO NA LÍNGUA DE SINAIS

SIGN LANGUAGE ASSESSMENT, SIGN LANGUAGE ACQUISITION AND
SIGN LANGUAGE LITERACY

Felipe Venâncio Barbosa
Universidade de São Paulo
felipebarbosa@usp.br

Sylvia Lia Grespan Neves
Universidade de São Paulo
sylvialia@usp.br

RESUMO

As interfaces entre áreas da Educação e da Saúde beneficiam os Estudos Surdos e a comunidade surda. Uma das contribuições dessas áreas são os instrumentos de avaliação da língua de sinais e as possibilidades de uso desses instrumentos para o delineamento do perfil de alfabetização em língua de sinais e a identificação de possíveis desordens que o possam comprometer. O impacto de instrumentos de avaliação bem elaborados atinge os indivíduos surdos, alocando essas ferramentas como itens indispensáveis para a implementação das políticas linguísticas e educacionais, que têm sido desenvolvidas nos últimos anos para a comunidade surda brasileira. Este artigo apresenta e discute os estudos centrais do Brasil sobre avaliação baseada em língua de sinais e seu impacto na intervenção em língua de sinais atípica em contextos educacionais e clínicos. Este artigo apresenta uma reflexão sobre o uso de instrumentos de avaliação para a identificação dessas desordens e do momento do processo de alfabetização em que a pessoa surda se encontra. Tendo como início as contribuições da área da Saúde sobre aquisição, alfabetização e avaliação de linguagem, apresenta-se um instrumento de avaliação já aplicado na interação entre clínica e escola.

Palavras-chave: língua de sinais; aquisição de língua; alfabetização; avaliação de linguagem.

ABSTRACT

The interfaces between areas of Education and Health benefit Deaf Studies and the deaf community. One of the contributions of these areas are sign language assessment instruments and the possibilities of using these instruments to outline the literacy profile in sign language and identify possible disorders that could compromise it. The impact of well-designed assessment instruments affects deaf individuals, highlighting these tools as indispensable items for the implementation of linguistic and educational policies, which have been developed in recent years for the Brazilian deaf community. This article presents and discusses central Brazilian studies on sign language-based assessment and their impact on atypical sign language intervention in educational and clinical contexts. This article presents a reflection on the use of assessment instruments to identify these disorders and the moment in the literacy process in which the deaf person finds themselves. Starting with contributions from the Health area on acquisition, literacy and language assessment, an assessment instrument already applied in the interaction between clinic and school is presented.

Key-words: sign language; language acquisition; literacy; language assessment.

Introdução

Educação e Saúde são temas recorrentes nos Estudos Surdos e desempenharam um papel essencial na história das comunidades surdas marcando sua interdisciplinaridade. Os modelos de deficiência, as filosofias educacionais que enquadram a Educação dos Surdos e a forma como os profissionais que lidam com as pessoas surdas são pontos críticos que levam a discussões frequentes e baseadas em divergências. As tensões entre e dentro dessas áreas mostram uma diversidade de ideias, intenções e proposições que são, em maior ou menor grau, aceitas pela comunidade surda.

Os ambientes clínico e educacional possuem enfoques diferentes no trato com a pessoa Surda. Suas funções, bases, objetos, finalidades e importância atendem a diferentes demandas baseadas em treinamentos específicos e normativos legais entregues a cada área. São ambientes que podem caminhar em paralelo, com suas intervenções pouco interligadas, ou podem se cruzar para proporcionar um cuidado mais eficaz.

O principal objetivo da intervenção educativa é orientar o aluno na aquisição de habilidades e competências relacionadas a um componente curricular específico, geralmente pré-estabelecido pela instituição de ensino ou organizado pela gestão da área ou órgãos governamentais – os currículos escolares. Esses currículos possuem diversas possibilidades de organização que variam de acordo com a fundamentação teórica adotada e podem mudar de acordo com o local de sua elaboração. Geralmente são organizados em áreas de conhecimento (componentes curriculares ou disciplinas como Ciências, Matemática, Língua Portuguesa etc.) que compõem um conjunto de conteúdos (também chamados de objetivos de aprendizagem e desenvolvimento ou saberes) que visam o processo de ensino-aprendizagem do aluno dentro de um período determinado.

Retransmitida aos currículos de línguas como os documentos propostos Brasil (2018) e São Paulo (2019), a abordagem educacional defende inicialmente a valorização do processo contínuo de aquisição da língua e mantém sua ênfase principal no ensino da modalidade escrita da língua, sua utilização em diferentes situações e à fruição da literatura escrita na língua em questão. Estas finalidades ocupam a maior parte dos anos de estudo de uma criança e de um jovem. Nesse processo educativo, as habilidades metalinguísticas tendem a se concentrar na aquisição da leitura e da escrita e no uso prescritivo da linguagem escrita. Não há foco nos distúrbios que o desempenho linguístico do aluno possa apresentar e, quando algum distúrbio é identificado, as escolas costumam encaminhar o caso para os serviços de saúde, comumente para os serviços de Fonoaudiologia. O diagnóstico dos distúrbios de linguagem feito pela equipe clínica serve então à equipe educativa para adaptar estratégias que permitam ao aluno atingir os objetivos de aprendizagem esperados, focando no conteúdo a ser aprendido sem a intenção de reabilitar o distúrbio de linguagem.

Por outro lado, a intervenção clínica nas alterações de linguagem visa prevenir, diagnosticar e tratar as competências linguísticas alteradas, seja por questões relacionadas com o atraso no início da aquisição de língua, desordens do desenvolvimento ou ocorrência de desordens adquiridas. O processo que permite o diagnóstico e a intervenção para a adequação dos distúrbios de linguagem baseia-se numa queixa inicial de linguagem, confrontada pelo profissional através de instrumentos de rastreio e avaliação e seguindo a intervenção com a mobilização de competências metacognitivas e metalinguísticas. O foco é colocado nas funcionalidades desenvolvidas tardiamente, não desenvolvidas ou perdidas. Não se pretende desenvolver conteúdos como, por exemplo, o ensino de uma língua não aprendida, mas sim na reabilitação do processamento da linguagem e consequente otimização das competências comunicativas.

O objetivo deste artigo é apresentar uma reflexão que tem como base as contribuições que se situam na intersecção entre as áreas da Educação e da Saúde. Pretende-se ter como foco o uso de instrumentos de avaliação para a identificação do processamento atípico da língua de sinais e do desenvolvimento da alfabetização em língua de sinais em pessoas surdas, observando como as áreas podem lidar com esses instrumentos e o impacto desses na comunidade surda.

Uma contribuição da área da Saúde

O processamento atípico da língua de sinais se distingue totalmente da variação linguística presente nas línguas naturais. A variação linguística, embora possa ser alvo de preconceito, é aceita por uma comunidade de fala como algo pertencente à língua e é um fenômeno esperado por falantes de uma determinada variante e por falantes de outras variantes. Essas variações também ocorrem nas línguas de sinais (Lucas, 2001; Schembri; Johnston, 2007; Schembri; Temoteo, 2010; Martins, 2012; Lucas, 2015). Por outro lado, a atipia linguística é identificada como uma alteração indesejada, não esperada pela comunidade de fala, resultante de processos disfuncionais, gerando quebras de comunicação e geralmente causando sofrimento no indivíduo.

A atipia expressa em uma língua de sinais é a manifestação do distúrbio da comunicação humana nas línguas de sinais (Barbosa, 2016). Os mesmos conceitos propostos por Andrade (1996) para os distúrbios da comunicação humana expressos nas línguas orais podem ser aplicados às línguas de sinais, uma vez que os distúrbios nessas línguas também se manifestam como distúrbios do desenvolvimento, distúrbios gerados pelo atraso na aquisição ou distúrbios adquiridos, resultantes de déficit primário - doença que não é consequência de outra - ou secundária - ocorrendo em consequência de outra patologia (Barbosa, 2016).

A aquisição de língua deve ser iniciada em momento adequado para que seu desenvolvimento seja normal. A aquisição de língua tardia ou iniciada com input insuficiente para que ocorra a contento, pode prejudicar o domínio da língua (MCDONALD, 1999), sendo possível perceber a diferença nas habilidades de produção e compreensão entre um usuário com aquisição precoce (no momento adequado) e outro com aquisição tardia (BARBOSA, 2007).

O processo de aquisição e desenvolvimento de linguagem são de extrema importância para o desenvolvimento cognitivo, social e pessoal do surdo, e a exposição tardia e inadequada pode causar desenvolvimento incompleto da gramática da língua de sinais e pode, em casos extremos, prejudicar o aprendizado geral da criança, principalmente daquelas que não adquirem fluência até os cinco anos de idade (WOLL, 1998).

Estudos neurolinguísticos, como o de Pénicaud *et al.* (2012) relatam que o atraso na aquisição de língua pode, inclusive, influenciar no desenvolvimento cerebral. Os autores demonstram que surdos com aquisição de língua de sinais tardia exibiram densidade reduzida de matéria cinzenta no córtex visual primário.

A importância da língua de sinais no desenvolvimento neuronal é demonstrada em estudo anterior com a descrição morfométrica de quatorze surdos usuários nativos da língua de sinais. Leporé *et al.* (2010) observaram que os volumes de massa branca na área de Broca, responsável pela produção de língua, foram significativamente maiores para o grupo de surdos em relação aos ouvintes não sinalizadores. Além disso, estudos de neuroimagem funcional do processamento fonológico da sinalização e da leitura em surdos relatam maior ativação na área de Broca em pessoas surdas do que em pessoas ouvintes não sinalizadoras (MACSWEENEY *et al.*, 2009; CORINA *et al.*, 2012).

Os procedimentos de avaliação da linguagem para diagnóstico de saúde em línguas orais vêm sendo desenvolvidos desde a década de 1940, trazendo benefícios para a evolução das áreas de cuidado relacionadas aos distúrbios de linguagem e, desde a década de 1980, os modelos de avaliação têm se interessado não apenas pela articulação, pelo vocabulário e pela estrutura das frases, mas também nos aspectos semânticos e pragmáticos (Wollner e Geller, 1984). O nível sintático foi o último nível explorado.

Avaliações sistematizadas para diagnóstico de linguagem na surdez (focadas nas línguas de sinais) ganharam a atenção dos pesquisadores apenas a partir da década de 1990, com aumento considerável a partir do início deste século. A preocupação em pesquisar metodologias de avaliação da linguagem do surdo tem motivado diversos pesquisadores (Herman et al., 1999; Morgan, 2006; Morgan, 2007). As investigações neste campo atingem níveis cada vez mais elevados de desenvolvimento no estudo da linguagem (Lichtig, 2004; Atkinson et al., 2005; Levy; Barbosa, 2005), da cognição (Carvalho, 2005; Barbosa, 2006; Morgan, 2006) e nas suas aplicações no contexto social, principalmente com as novas propostas de atividades fonoaudiológicas na surdez (Lodi, 2000; Levy; Barbosa, 2005; Atkinson et al., 2005). Atualmente, os vários níveis de análise linguística têm sido contemplados, permitindo aos profissionais da Saúde e da Educação observar a comunidade surda não só na sua proficiência em língua de sinais, mas no grau de domínio da linguagem e do desenvolvimento linguístico e cognitivo (Avaliação da Língua de Sinais, 2021). Estes testes podem ser utilizados para fins clínicos; entretanto, poucos serviços de saúde oferecem tais procedimentos.

No Brasil, poucos instrumentos foram elaborados para avaliação da linguagem de sinais atípica. Os instrumentos de avaliação bilíngue foram inicialmente propostos por Mecca et al. (2002), publicação inicial dos trabalhos do Laboratório de Audiologia Educacional coordenado pela Profa. A Dra. Ida Lichtig, da Universidade de São Paulo, Brasil, culminou no Programa de Fonoaudiologia para Famílias de Crianças Surdas – PIFFCS (Lichtig et al., 2004). A partir deste laboratório foram produzidos e publicados outros trabalhos de avaliação baseados na língua de sinais (Meca, 2005; Barbosa, 2007).

Na última década, foram publicados instrumentos específicos para Libras para verificar possíveis distúrbios na produção e/ou compreensão. Quadros e Rebelo (2011) propuseram um instrumento de avaliação da Libras voltado para o desenvolvimento de crianças surdas para utilização por profissionais de Saúde e Educação. Barbosa e Lichtig (2014) propuseram um instrumento bilíngue para análise das habilidades comunicativas de crianças surdas. Costa (2015) propõe um protocolo para avaliação fonológica da Libras ao nível dos parâmetros descritos na literatura, e Lopes (2016) propõe um instrumento para verificação da consciência fonológica em Libras, identificando especificamente pares mínimos.

Barbosa e Neves (2017) organizaram um livro com seis instrumentos de avaliação de linguagem e cognição, baseados na Libras, incluindo avaliação da fluência de sinais, avaliação da memória de trabalho, aprendizagem de palavras e vocabulário e uma triagem linguística.

Os instrumentos organizados pelos autores incluem, avaliação de fluência de sinalização, avaliação da memória de trabalho e teste de aprendizagem de palavras. Com o objetivo é fornecer ferramentas baseadas na língua de sinais para avaliar diferentes aspectos do desenvolvimento e habilidades linguístico-cognitivas de pessoas surdas, a compilação publicada traz elementos importantes para o delineamento do perfil de domínio linguístico e de nível de alfabetização na língua de sinais. Instrumentos do tipo apresentados por Barbosa e Neves (2017) são extremamente importantes, pois possibilitam avaliar de forma justa e culturalmente sensível indivíduos cuja primeira língua é a língua de sinais, sem a barreira de ter que se expressar em uma segunda língua e sendo expostos a um

instrumento com desenho pensado para uma língua visuo-espacial; permitem identificar perfis linguísticos diversos, momento do processo de alfabetização na língua de sinais, além do diagnóstico de possíveis atrasos, distúrbios ou diferenças individuais na aquisição/desenvolvimento da língua de sinais; e abrem caminhos para pesquisas e intervenções (educacionais ou clínicas) mais precisas na cognição, linguagem e aprendizagem em pessoas surdas sinalizadoras.

Aquisição versus alfabetização: identificando perfis na língua de sinais

A diferença entre aquisição de língua e alfabetização pode ser óbvia para os contextos em que são mobilizadas línguas orais e em comunidades que possuem registro escrito estabelecido. Para contextos em que leva em conta as línguas de sinais ou línguas orais de comunidades ágrafas, os termos aquisição de língua e alfabetização precisam ser reorganizados, já que o processo de alfabetização não levará em conta, necessariamente, o registro escrito da primeira língua dessas comunidades.

A aquisição de língua é um processo natural e espontâneo pelo qual uma criança, em inserção com indivíduos de sua comunidade de fala, absorve o conhecimento linguístico da língua usada em sua comunidade. No caso da língua de sinais, a aquisição ocorre quando a criança surda é exposta à língua de sinais desde o nascimento ou muito cedo, por pais ou profissionais surdos fluentes nessa língua.

A aquisição da língua de sinais segue padrões e estágios semelhantes à aquisição de línguas orais, como balbúcio manual, formação de primeiras palavras, construção de frases simples etc. O processo vai se estabelecendo com o passar dos anos até que a criança, espontaneamente, encontre-se com seu conhecimento linguístico estabelecido.

A alfabetização, por outro lado, é referida tradicionalmente como um processo de aprendizado de um sistema de escrita. Essa definição tradicional tem sido questionada por pesquisadores da área dos estudos Surdos, que entendem que, diante de uma comunidade em que o registro escrito não se tornou fato consolidado, os processos de uso e conhecimento explícito da língua devem ser observados de forma diversa (Kyle, 2022; Mertzani, 2022).

O desenvolvimento do conhecimento explícito da língua de sinais tem sido abordado como um dos primeiros passos para o que se vem chamando de alfabetização na língua de sinais. Assim como nos processos de ensinar e aprender a ler e escrever (um registro escrito de uma língua), regras e convenções podem ser estabelecidas, bem como o desenvolvimento de habilidades de leitura e produção textual em registros diversos, como em vídeo e pictóricos.

O desenvolvimento tecnológico tem permitido outras formas de registro além da escrita, mesmo para comunidades ouvintes que possuem consolidado registro escrito de suas línguas. Um exemplo é o uso de aplicativos de mensagens em que, inicialmente, eram usados apenas textos escritos, mas com a atualização de seus recursos, fez com que o registro em áudio e em vídeo se tornassem populares, inclusive, facilitando a comunicação de pessoas com distúrbios de leitura e escrita ou que não tenham ainda sido alfabetizadas.

Na alfabetização em língua de sinais os registros em vídeo ganham centralidade. A exploração metalinguística, muito produtiva no ensino explícito da língua de sinais, pode ser explorada nesses registros de forma recorrente. Além disso, existem tentativas de utilização de registros escritos das línguas de sinais, a Escrita de Sinais, com diversas proposições de sistemas ainda em fase de consolidação e carecendo de estudos para averiguação de suas eficácias.

A Triagem de Habilidades em Língua Brasileira de Sinais proposta por Barbosa (2017) pode ser utilizada em ambiente clínico e educacional, dependendo do contexto de sua aplicação e das finalidades profissionais para as quais o instrumento é usado.

Segundo Barbosa (2017), a Triagem de Habilidades Linguísticas da Língua Brasileira de Sinais foi desenvolvida para orientar procedimentos de intervenção em procedimentos clínicos e educacionais para pessoas surdas com queixas de linguagem. A sua aplicação está então prevista para duas realidades de atuação profissional.

Um ponto importante a ser observado é que as queixas de linguagem precedem as intervenções clínicas. Estas queixas, em primeiro lugar, devem refletir a insatisfação do usuário da língua ou as expectativas comunicativas de seus pares comunicativos quanto à sua compreensão ou desempenho, geralmente começando com dificuldades comunicativas geradas por quebras nos ambientes de interação. Em segundo lugar, as reclamações devem refletir as dificuldades no desenvolvimento dos processos de aprendizagem identificadas e relatadas pelos professores de surdos fluentes em língua de sinais e que utilizam a língua de sinais como língua de instrução. A partir dessas queixas que os surdos são encaminhados aos serviços de saúde para diagnóstico de produção e/ou compreensão atípica da língua de sinais. A Figura 1 abaixo apresenta um dos caminhos de fluxo de reclamações linguísticas mais comuns para casos de processamento atípico da língua de sinais.



Figura 1. Como as queixas de linguagem surda chegam aos serviços de saúde

Ao final da aplicação da triagem, a triagem em questão pretende fornecer ao clínico ou professor noções sobre o nível linguístico em que se encontram as principais dificuldades de processamento do sujeito testado.

O instrumento foi organizado em quatro partes, cada uma observando um nível de processamento linguístico. A organização proposta considera o nível morfológico dentro do processamento sintático e de fala da língua. Foi estruturado para ser essencial à compreensão e produção da língua de sinais para cada um desses níveis.

Para o nível Pragmático, com base nos trabalhos de Gerber e Gurland (1989), Dewart e Summers (1994), Fernandes (1996), foram organizadas as seguintes questões, para as quais o examinador deveria verificar se as habilidades estão presentes após observar o linguístico desempenho do examinado. É feito por meio de uma interação semiestruturada que observa o respeito ao turno comunicativo, manutenção do contato visual e do tema da conversa, se o sujeito apresenta intenção comunicativa, se são feitas revisões quando há pausas ou solicitações de esclarecimentos quando o fazem. não compreende e, por fim, se o sujeito se comporta adequadamente no ambiente comunicativo.

Para o nível Discursivo, o examinador apresenta uma figura e pede ao examinando que conte uma história sobre o que a figura mostra. Com base nos trabalhos de Bento (2009) e Rathmann, Mann e Morgan (2007), foram elencadas sete características que devem estar presentes na amostra: a apresentação de acontecimentos e personagens; organização cronologicamente adequada; produção claramente assinada; apresentação de estruturas sintáticas completas; uso de verbos descritivos; organização sintática espacial e uso correto de marcas temporais.

Para o nível Sintático, desenvolvemos um teste de compreensão de sentenças, baseado no trabalho de Nespoulous et al. (1986) e DeRenzi e Vignolo (1962), utilizando três objetos de fácil acesso e familiares ao sujeito (lápis, papel e vidro), com frases que levam em conta a sintaxe espacial da língua de sinais, segundo Quadros e Karnopp (2004).

Por fim, para o nível fonético-fonológico, o autor propõe uma lista de cruzamento de sinais da informação fonético-fonológica baseada nos trabalhos de Mann et al. (2010), observando os parâmetros de Movimento (simples e dentro das mãos) e Configuração da Mão (não marcada e marcada). Como o objetivo não é a análise de vocabulário, o que se observa é apenas se o sinal foi produzido corretamente quanto aos parâmetros Configuração da Mão, Movimento, Localização, Orientação da Mão, Expressões Não Manuais e Número de Mãos (Quadros e Karnopp, 2004; Xavier, 2014).

Com a proposição do protocolo (Barbosa, 2017) apresentada foi feita uma primeira aplicação, com os dados de referência, mostrados na Figura 2 abaixo:

Nível Linguístico	Crianças		Adultos	
	Passa	Falha	Passa	Falha
Pragmático	0 - 2	3 ou mais	0 - 1	2 ou mais
Discursivo	0 - 2	3 ou mais	0 - 1	2 ou mais
Sintático	0 - 2	3 ou mais	0	1 ou mais
Fonético-Fonológico	0 - 3	4 ou mais	0	1 ou mais

Figura 2: pontuação de referência para os resultados da triagem (Barbosa, 2017)

Dois trabalhos posteriores também utilizaram essa triagem com objetivos diferentes. Barbosa (2017) analisou crianças surdas com língua de sinais atípica e Neves (2022) analisou adultos surdos com aquisição tardia de língua de sinais. Esses trabalhos apresentaram resultados que corroboraram os achados de Barbosa (2017) e mostraram que o instrumento indica, além de níveis de análise linguística possivelmente afetados, pontuação distinta na triagem para surdos com início tardio de aquisição de Libras e queixas de linguagem, com menor desempenho para aqueles indivíduos com queixas de linguagem.

No trabalho de Neves (2022), os resultados demonstrados contribuíram com uma melhor compreensão dos efeitos da aquisição tardia sobre o processamento de uma língua sinalizada, e evidenciaram a importância da língua de sinais para o desenvolvimento linguístico das pessoas surdas. Os resultados possuem impacto direto na compreensão da capacidade linguística de pessoas surdas para serem submetidas ao processo de alfabetização na língua de sinais.

A autora aplicou a triagem de Barbosa (2017) em um grupo de 109 adultos surdos com e sem atraso na aquisição de língua de sinais. O desempenho de pessoas surdas com atraso na aquisição de língua de sinais e lesão cerebral apresentou pontuações menores, com diferenças estatisticamen-

te significantes entre o desempenho de surdos com aquisição de Libras em momento adequado, surdos com aquisição tardia de Libras e surdos com lesão cerebral. Os participantes com aquisição no período ideal tiveram melhor resultado nas avaliações referentes aos aspectos pragmáticos, discursivos, sintáticos e fonético-fonológicos da triagem (37%).

O professor pode usar essa triagem linguística para distinguir se uma criança surda está em processo de aquisição típica da língua de sinais ou se já deveria estar em estágio mais avançado, o que possui influência significativa no de alfabetização. Se a triagem indicar que a criança está adquirindo a língua de sinais dentro dos padrões esperados para sua idade, o foco deve ser proporcionar ambiente rico em língua de sinais para que continue se desenvolvendo nessa língua de forma natural e, gradativamente, explorar o processo de alfabetização na língua de sinais, trazendo ao seu conhecimento explícito as características gramaticais de sua língua.

Caso a triagem aponte que a criança já possui domínio da língua de sinais, ultrapassando estágios iniciais de aquisição, o trabalho sistemático de alfabetização pode avançar. O professor pode iniciar o ensino estruturado da gramática da língua de sinais, aprofundando os conhecimentos linguísticos que a criança adquiriu em língua de sinais, como consciência fonológica e vocabulário, além da exploração de habilidades cognitivas como a memória de trabalho e funções executivas.

Interdisciplinaridade para a língua da pessoa Surda

Os Estudos Surdos estão inseridos em um lugar em que a interdisciplinaridade é recorrente. A história da Educação de Surdos e a história da pessoa surda passa por uma série de tensões e relaxamentos que encontram interfaces na área da Saúde, na construção de políticas públicas, linguísticas e educacionais. Um benefício nessas interações é uma construção de complexidade que acaba por requerer a conjunção de diversos pontos de vista. As questões relacionadas ao processo de aquisição de língua de sinais, por exemplo, possuem uma tensão importante que não está apenas relacionada à área da Saúde.

Embora a abordagem de profissionais da saúde apresente uma tendência em direções normativas para as pessoas surdas, a Educação também lida com suas divergências internas. Vieira-Machado e Rodrigues (2021) propõem releituras sobre a história da Educação de Surdos. A primeira autora do referido trabalho vem desenvolvendo discussões importantes sobre as atas do Congresso de Milão de 1880, apontando para uma revelação em que a gênese das imposições do modelo oralista tenha sido a área da Educação e que a Saúde tenha adotado uma abordagem normativa em um momento posterior.

O fato é que, atualmente, a clínica tem sido o ponto de partida para as políticas de saúde auditiva e para o diagnóstico da surdez, o que nos leva a um lugar de interdisciplinaridade para a atuação com a comunidade surda. Saúde e Educação convergem para o cuidado de pessoas surdas, guardando as suas especificidades de atuação e as responsabilidades de seus fazeres, essas áreas possuem uma influência histórica e contínua. Suas dinâmicas impactam diretamente a vida das pessoas surdas e, por esse motivo, uma harmonização entre essas ciências é imperativa.

Barbosa (2016) descreve o processo de identificação de surdos com língua de sinais atípica por meio da interação entre uma clínica fonoaudiológica bilíngue e a escola para surdos. Nesse trabalho foram registrados os procedimentos iniciais de contato e interação entre profissionais dos serviços de Saúde e Educação e os fluxos de encaminhamentos ao serviço de saúde, e realizados os resultados dos procedimentos de triagem e avaliação linguística com os surdos encaminhados pelas escolas.

Com base neste trabalho, foi realizado um projeto para aplicação da Triagem de Habilidades em Língua Brasileira de Sinais em crianças surdas de escolas bilíngues para surdos da cidade de São Paulo. Além disso, com a aplicação da triagem, foi oferecido um curso de formação continuada para professores de escolas de surdos, ministrado pelo Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo.

Como descreveu Barbosa (2016), a interação entre a clínica bilíngue e as escolas para surdos na cidade de São Paulo começou com o contato inicial com os coordenadores pedagógicos das escolas e depois com os professores para surdos indicados pelos coordenadores. Foram realizadas reuniões entre a equipe clínica formada por dois linguistas, um fonoaudiólogo e um surdo especialista em línguas e professores para apresentação da proposta de triagem e oferta de curso de formação continuada para professores surdos e ouvintes dessas escolas.

O curso de formação continuada oferecido ocorreu paralelamente à aplicação da triagem a todos os alunos da escola, com discussões teóricas que subsidiam a triagem, avaliação linguística e discussões sobre o processamento atípico da língua de sinais. Os alunos reprovados na triagem foram encaminhados, de acordo com a necessidade da escola e de seus familiares, para o ambulatório de fonoaudiologia bilíngue da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Este serviço conta com uma equipe de Fonoaudiólogos e um profissional surdo especialista em linguagem que presta atendimento baseado na Língua Brasileira de Sinais para surdos encaminhados de escolas inclusivas e escolas bilíngues para surdos da cidade de São Paulo.

Na clínica, a triagem é utilizada para orientar os primeiros procedimentos de avaliação. Após a aplicação da anamnese de linguagem clínica, os pacientes são submetidos a uma triagem que orienta a escolha das avaliações a serem aplicadas de acordo com os níveis linguísticos em que a triagem falhou. Os pacientes aprovados em todos os níveis linguísticos recebem orientação fonoaudiológica junto com seus familiares (quando menores de idade) e recebem alta. Aqueles que são reprovados em um ou mais níveis linguísticos são encaminhados para o processo de avaliação linguística, com aplicação de testes e análises mais aprofundadas para compreensão do possível distúrbio. Os exames utilizados no serviço em questão estão listados na Figura 3.

Nível Linguístico	Instrumentos de avaliação usados
Pragmático	Perfil Pragmático (Dewart e Summers, 1994). Protocolo de Avaliação de Habilidades Linguístico-Pragmáticas – APPLS (Gerber e Gurland, 1989) Avaliação Pragmática – ABFW (Fernandes, 2000).
Discursivo	Protocolo do Perfil de Habilidades Comunicativas de Crianças Surdas (Barbosa e Lichtig, 2013)
Sintático	Token Test (DeRenzi e Vignolo, 1962), BSL Production Test (Herman et al., 2004, s/d),
Fonético-Fonológico	FONOLIBRAS (Costa, 2015)

Figure 3: Instrumentos de Avaliação usado na clínica para avaliação de linguagem

Nas escolas acima mencionadas, o trabalho desenvolvido baseou-se nas reclamações individuais e nas reclamações dos professores. Os professores analisaram os resultados obtidos na triagem para desenhar procedimentos educacionais específicos para os alunos que não conseguiram aplicar a triagem.

Embora a triagem tenha sido aplicada a todos os alunos das escolas envolvidas neste projeto, os professores e coordenadores pedagógicos das escolas indicaram à equipe aqueles que, na sua percepção, apresentavam dificuldades comunicativas para compreender ou expressar Libras, mesmo tendo contato com o idioma tempo inadequado (sem atraso na aquisição). Portanto, a identificação desses possíveis transtornos baseou-se no processo de formação desses professores, com discussão teórica e análise de casos descritos na literatura.

A concepção corrente entre alguns professores era de que as rupturas comunicativas apresentadas por alguns alunos, indicativas de distúrbios de linguagem, estavam relacionadas à surdez. No entanto, não conseguiram explicar por que diferentes crianças surdas com percursos linguísticos e educativos semelhantes apresentavam comportamentos linguísticos tão distintos. Esse primeiro processo de formação e sensibilização para identificação dos distúrbios de linguagem prosseguiu com as reflexões sobre as possibilidades da ação educativa para adequar o processo educativo a partir das relações ensino/aprendizagem. A partir dessas etapas iniciais de formação, discussão e reflexão, os professores puderam aplicar a triagem e tomar decisões com base nos seus resultados. Os professores surdos tiveram maior adesão ao processo.

As metas educacionais para crianças surdas, baseadas na Base Nacional Comum Curricular (2017) e no Currículo Bilíngue da Cidade de São Paulo (2018), devem considerar uma série de metas de aprendizagem elencadas nesses dois documentos. A avaliação do desempenho escolar desses alunos é baseada nesses objetivos, levando os professores a concentrarem suas preocupações com o desempenho dos alunos em suas avaliações internas e externas, aplicadas pelos gestores educacionais nas cidades, nos estados e no país.

A importância de discutir a língua de sinais atípica em ambientes educacionais está relacionada ao sucesso acadêmico dos alunos. São elaborados os objetivos apresentados pelos currículos escolares, assumindo alunos sem qualquer transtorno. Mesmo o Currículo Bilíngue da Cidade (2018), documento destinado exclusivamente a orientar a educação de alunos surdos, prevê a aquisição da Libras em período adequado e não faz referência a adaptações necessárias para alunos com língua de sinais atípica, embora mencione esta possibilidade.

Ao professor de surdos cabe, então, essa responsabilidade. Além de facilitar o processo de aprendizagem dos alunos, eles devem compreender suas necessidades específicas, avaliar suas habilidades e desafios e propor alternativas didático-metodológicas que possam preencher possíveis lacunas para que seu processo de aprendizagem ocorra de forma adequada.

References

- ANDRADE, C.R. *Fonoaudiologia Preventiva: teoria e vocabulário técnico-científico*, Lovise, São Paulo, 1996.
- ATKINSON J, MARSHALL J, WOLL B, THACHER A. Testing Comprehension Abilities in Users of British Sign Language following CVA. *Brain and Language*. Aug. ; 94 (22). 2005.
- BARBOSA, F. V. As interferências no processamento da linguagem de um adolescente surdo com lesão cerebral. In: *Simpósio Linguística e Cognição*, 2007, Belo Horizonte. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007.
- BARBOSA, F. V. A Clínica Fonoaudiológica Bilíngue e a Escola de Surdos na Identificação da Língua de Sinais Atípica. *Educação & Realidade*, 41(3), 731–754, 2016.
- BARBOSA, F.V. Triagem de Habilidades Linguísticas na Língua Brasileira de Sinais. In: BARBOSA, F.V.; NEVES, S.L.G. (orgs.). *Língua de Sinais e Cognição: estudos em avaliação fonoaudiológica baseada na língua brasileira de sinais*. ProFono: 2017.

- BARBOSA, F.V.; NEVES, S.L.G.(orgs.). *Língua de Sinais e Cognição: estudos em avaliação fonoaudiológica baseada na língua brasileira de sinais*. ProFono: 2017.
- BENTO ACP. *Organização e narração de histórias por escolares com desenvolvimento típico de linguagem e com Distúrbio Específico de Linguagem (DEL)*. São Paulo. Tese [Dissertação]. Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo. 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- CORINA, D. P.; SPOTSWOOD, N. Neurolinguistics. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Eds.). *Sign language. An international handbook*, Berlin: De Gruyter Mouton, p. 739-762, 2012.
- COSTA, R. *Proposta de instrumento para a avaliação fonológica da Língua Brasileira de Sinais: FONOLIBRAS*. Universidade Federal da Bahia: Dissertação de Mestrado. 2015.
- DE RENZI, E., & VIGNOLO, L. A sensitive test: A sensitive test to detect receptive disturbances in aphasics. *Brain*, **85**, 1962, p.665-678.
- DEWART, H; SUMMERS S. *The Pragmatics Profile of Early Communication Skills*. 2 ed. Windsor: NFER-Nelson; 1994.
- Fernandes FDM. *Autismo Infantil: repensando o enfoque fonoaudiológico – aspectos funcionais da comunicação*. São Paulo: Lovise; 1996.
- GERBER S, GURLAND G. Applied Pragmatics in the Assessment of Aphasia. *Seminars in Speech and Language*; no. 10, 1989.
- HERMAN, R.; HOLMES, S.; WOLL, B. *Assessing BSL development - receptive skills test*. Coleford: The Forest Bookshop, 1999.
- KYLE, J. SINAL E ESCOLA: uma jornada. *Momento - Diálogos Em Educação*, **31**(02), 2022, p. 27–45
- LEPORÉ, N. *et al.* 3D mapping of brain differences in native signing congenitally and prelingually deaf subjects. *Brain Mapp*, **31**, p. 970-978, 2010.
- LEVY, C.C.A.C.; BARBOSA, F.V. Surdez: condutas na avaliação e planejamento terapêutico. In: LOPES-FILHO, O. *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: TecMed, 2005. p.377-89.
- LICHTIG I, COUTO MIV, MECCA, FFDN. Avaliando as Habilidades Comunicativas e Linguísticas de Crianças Surdas. In: Lichtig I (Org.). *Programa de Intervenção Fonoaudiológica em Famílias de Crianças Surdas (PIFFICS)*. Barueri: Pró-Fono; 2004. p. 80-39.
- LICHTIG, IDA (Org.) *Programa de Intervenção Fonoaudiológica em Famílias de Crianças Surdas (Piffics)*. 1. ed. Barueri: Pró-Fono Departamento Editorial, 2004. v. 1. 178p .
- LOPES, DZV. *Língua Brasileira de Sinais: o domínio dos contrastes mínimos*. Universidade Federal de Santa Maria: Tese de Doutorado, 2016.
- LUCAS, C. (Org.). *The Sociolinguistics of Sign Languages*. Cambridge: Cambridge University Press. 2001.
- MACSWEENEY, M.; BRAMMER, M.; WATERS, M.; GOSWAMI, U. Enhanced activation of the left inferior frontal gyrus in deaf and dyslexic adults during rhyming. *Brain*, v. 132, issue 7, p. 1928-1940, jul. 2009.
- MARTINS AC. *Lexicografia da Língua de Sinais da Região Sul*. São Paulo. Tese [Msc em Psicologia] - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo; 2012.
- MCDONALD, M. C.; SEIDENBERG, M. S. A probabilistic constraints approach to language acquisition and processing. *Cognitive Science*, v. 23, n. 4, 1999.
- MECCA, F. F. D. N.; LICHTIG, I. *Investigação das funções da linguagem, da teoria da mente, do vocabulário e do desempenho escolar de alunos surdos*. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- MECCA, F.; CÁRNIO, M. S. ; LICHTIG, I . *Perfil das funções da linguagem em crianças surdas na idade de três a sete anos*. Pró-Fono , Carapicuíba, v. 14, n.3, p. 449-458, 2002.

- MERTZANI, M. Alfabetização na Língua de Sinais no Currículo de Língua de Sinais. *Momento - Diálogos Em Educação*, 31(02), 2022, 171–198.
- MORGAN, G. Children are just lingual: The development of phonology in BSL. *Lingua*, n. 116, p. 1507-23, 2006.
- MORGAN, G. The first signs of language: phonological development in British Sign Language. *Applied Psycholinguistics*, n. 28, v. 3, p. 22, 2007.
- NESPOULOUS, J.L.; JOANETTE, Y.; LECOURS, A.R. *Protocole Montréal-Toulouse: examen de l'aphasie (M1 Beta)*. Isbergues : Ortho Édition;1986.
- NEVES, S. L. G. *Linguística Clínica e Língua de Sinais: Um estudo sobre Idade de aquisição e lesão cerebral em surdos adultos*. Tese (Doutorado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Semiótica e Linguística Geral. 2022.
- PÉNICAUD, S.; KLEIN, D.; ZATORRE, R. J.; CHEN, J.-K.; WITCHER, P.; HYDE, K. et al. Structural brain changes linked to delayed first language acquisition in congenitally deaf individuals. *Neuroimage*, 66C, p. 42-49, 2012.
- QUADROS RM, KARNOPP LB. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artes Médicas; 2004.
- QUADROS, R.M.; CRUZ, C. R. *Línguas de sinais: instrumentos de avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- RATHMANN, C.; MANN, W; MORGAN, G. Narrative structure and narrative development in deaf children. *Deafness and Education International*, no. 9. 2007.
- SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. *Currículo da Cidade : Educação Especial : Língua Brasileira de Sinais*. São Paulo: SME / COPED, 2019.
- SCHEMBRI, A.; JOHNSTON, T. Sociolinguistic Variation in the Use of Finger Spelling in Australian Sign Language: a pilot study. *Sign Language Studies*. No. 3. 2007.
- TEMOTEO, J.G. Identificando as Variações Regionais e Sociais da Língua Brasileira de Sinais. In: Moura MD, Sibaldo MA, Sedrins AP(Org.). *Novos Desafios da Língua: pesquisas em língua falada e escrita*. Maceió: UFAL; 2010. p. 586-579.
- VIEIRA-MACHADO, L. M. DA C.; RODRIGUES, J. R. Olhar novamente para o Congresso Internacional de Educação para Surdos em Milão (1880). *Revista Brasileira De História Da Educação*, 22(1), e202, 2021.
- WOLL, B. Development of Signed and Spoken Languages. In: GREGORY, S.; KNIGHT, P.; MCCRACKEN, W.; POWERS, S.; WATSON, L. *Issues in deaf education*. London: David Fulton Publishers, 1998. p. 58-68.
- WOLLNER S, GELLER E. IRWIN JV.(orgs.) Methods for assessing pragmatic abilities. *Pragmatics: The role in language development*. Fox Point, La Verne, CA. 1984:135–160.
- XAVIER AN. *Uma ou duas? Eis a questão!: um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (Libras)*. Campinas. Tese [Doutorado em Linguística]- Universidade Estadual de Campinas; 2014.

Recebido em: 30/11/2023

Aceito em: 13/02/2024